

SIMPÓSIO AT137

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA INTERIORANA E IMPLICAÇÕES PARA A AUTOESTIMA DE ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

SILVA, Ana Cláudia do Nascimento
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
ana_claudia222@hotmail.com

MELO, Nádia Maria Silveira Costa de
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
solinadia@gmail.com

Resumo: Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no âmbito do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) que objetivou reduzir os efeitos relativos ao preconceito linguístico vivenciado por discentes do ensino fundamental. A proposta atual buscou investigar quais seriam os resultados obtidos com a proposta ao aplicá-la em sala de aula de português com alunos oriundos do ensino médio. Para tanto, buscou-se nos fundamentos teóricos da Sociolinguística Variacionista a base para planejar e aplicar um projeto de intervenção que viesse sanar o problema diagnosticado. Esta perspectiva teórica concebe a língua como um fenômeno heterogêneo e maleável e a gramática, como um conjunto de regularidades fixadas e definidas pela comunidade linguística como formas ritualizadas de uso que são susceptíveis à variação e à mudança. Os estudos que dão sustentação provêm de Tarallo (1985), Elia (1987), Pretti (1989), Monteiro (2000), Camacho (2005), Weireich; Labov; Herzog (2006), Labov (2008), Scherre (2009), entre outros. Trata-se de uma pesquisa-ação de natureza qualitativa com suporte quantitativo em que se fez usos de dois questionários, relatos de experiência e 4 oficinas didático-pedagógica para a constituição do corpus de análise. Os resultados atestam que o uso da variação linguística estigmatizadas implica em baixa autoestima dos seus usuários, acarretando alguns entraves para o ensino de língua portuguesa em sala de aula, no que tange à norma padrão. Portanto, urge que a escola como um todo busque conscientizar-se e sensibilizar-se acerca da variação linguística como um fator inerente a toda e qualquer língua do mundo em todos os tempos.

Palavras-chave: Língua portuguesa; Ensino; Variação linguística; Sociolinguística.

Abstract: This research aimed to reduce the effects of linguistic prejudice experienced by elementary school students (ES) through intervention workshops, as proposed by the Professional Master in Letters and literatures (ProfLetras). Thus, it investigated what would be the results obtained with the ES proposal when applying it in Portuguese high school (HS) classroom. Therefore, the work was guided by the theoretical assumptions

of Variationist Sociolinguistics. Based on this theoretical perspective, the conception of language was adopted as a heterogeneous and malleable phenomenon and of grammar, as a set of regularities fixed and defined by the linguistic community as ritualized forms of use that are susceptible to variation and change. The studies that gave support come from Tarallo (1985), Elia (1987), Pretti (1989), Monteiro (2000), Camacho (2005), Weireich; Labov; Herzog (2006), Labov (2008), Scherre (2009), among others. It is an action research of qualitative-interperativist nature with quantitative support, starting from the application of two instruments to constitute the samples (questionnaires and experience reports). The intervention occurred during 5 didactic-pedagogical workshops. The results show that the use of stigmatized linguistic variation implies discrimination that results in low self-esteem of its users, causing some obstacles to Portuguese language teaching in the classroom, in relation to the standard norm. Therefore, it is urgent that the school as a whole seeks to become aware of and sensitize itself to linguistic variation as an inherent factor in every language of the world at all times.

Keywords: Portuguese language; Teaching; Linguistic variation; Sociolinguistics

Introdução

Este artigo é resultado de uma pesquisa em que foi investigado o uso da variedade linguística interiorana e sua implicação para a autoestima dos que a utilizam. A proposta foi aplicada em uma sala de aula de língua portuguesa com alunos do ensino básico. Sua relevância consiste em buscar formas de combater/atenuar o preconceito que existe no âmbito escolar, tendo em vista que a discriminação dessa variedade linguística traz consequências para o ensino-aprendizagem, em específico, para as aulas de língua portuguesa.

As questões que nortearam este estudo foram as seguintes: a) os alunos já experienciaram o preconceito por causa de suas variantes linguísticas? b) os alunos têm preconceito em relação as variedades linguísticas estigmatizadas? c) será que os estudantes têm consciência reflexiva e crítica sobre o fenômeno da variação linguística?

Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa consiste em apresentar uma proposta de intervenção por meio de oficinas constituídas de atividades de leitura e escrita abordando o fenômeno da variação linguística como algo natural e inerente a toda língua a fim de desenvolver a consciência crítica dos alunos em relação ao uso das variedades linguísticas. Para tanto, elencamos como objetivos específicos: a) Levar o aluno a Compreender o fenômeno da variação linguística como um algo natural; b) Discutir sobre a temática do preconceito

linguístico; c) Analisar o posicionamento dos alunos após a aplicação das oficinas.

O artigo está organizado em quatro seções, estas considerações iniciais, seguidas da fundamentação teórica, dos caminhos metodológicos, da análise das amostras e, por fim, das considerações finais e referências.

1. Fundamentação teórica

Esta pesquisa está fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, de acordo com essa teoria a variação linguística “trata-se de um modelo metodológico que assume o caos linguístico como objeto de estudo” (TARALLO, 1985, p. 6). Posto em prática esse modelo metodológico, o estudo da língua passaria a dar ênfase às variedades linguísticas brasileiras e com isto amenizar o preconceito linguístico, que corresponde ao julgamento depreciativo e desrespeitoso da fala do outro ou da própria fala (SCHERRE, 2009). O preconceito linguístico parece ainda estar presente dentro e fora da escola com quem não utiliza a variedade eleita como padrão ou norma culta. Porém, Leite (2008) esclarece que, por não causar e não provocar tantos abalos sociais da mesma forma que aqueles provenientes da intolerância religiosa ou política, parece nem existir.

Esta “invisibilidade”, no entanto, não diminui os seus efeitos, apenas contribui para que seja praticado normalmente e encontre apoio tanto na escola como fora dela. Para Cyranka (2014 p.142), *o preconceito linguístico não é constituído apenas na escola, há todo um aparato na sociedade que o sustenta*, sendo recorrente, no meio social, rotular o que não obedece aos preceitos estabelecidos pela norma como “engraçado” ou como aquele que “não sabe falar”. Como consequência, surge a discriminação, a exclusão e o silenciamento dos falares diversificados que adentram o universo escolar. Essa atitude tende a inibir e a inviabilizar a interação, na sala de aula, entre alunos e professores, reafirmando, assim, práticas ideológicas mantenedoras de um discurso que privilegia e legitima uma variedade linguística como sendo a certa.

Porém é preciso reconhecer o fenômeno da variação linguística e que os indivíduos não falam da mesma forma que o outro. Entender que uma variedade linguística é um dos muitos modos de falar uma língua que *se correlacionam com fatores sociais como lugar de origem, idade, sexo, classe social, grau de instrução* (BAGNO, 2007, p. 47).

Em consonância com essa afirmação, compreende-se que não há uma variedade superior às demais, o que existe é uma ideologia dominante que faz essa distinção, elegendo uma das variedades como sendo a de maior prestígio, na tentativa de padronizar a língua, o que resulta em uma norma padrão e outra não padrão.

Por essa razão, é pertinente que nas aulas de Português, os enfoques nas variedades linguísticas sejam feitos a fim de que essas crenças negativas com relação ao seu modo de falar tão enraizadas nos alunos possam ser desfeitas e eles consigam ter consciência que sabem falar sua língua. Pois *crenças positivas levam a atitudes linguística positivas, o que garante boa autoestima e entusiasmo do aluno* (CYRANKA, 2016, p. 170).

2. Caminhos metodológicos

Para a realização deste artigo, privilegiamos a metodologia qualitativa com suporte quantitativo. Qualitativa em função de esta ter um foco amplo e porque se propõe a buscar dados descritivos por meio de um contato direto do pesquisador com a situação problema no seu ambiente natural para, a partir disso, formularmos uma interpretação do fenômeno estudado através de uma perspectiva integral. Enquanto quantitativa, para corroborar a análise qualitativa.

A amostra foi constituída inicialmente com base em dois questionários, o primeiro foi feito com o objetivo de obter dados sociológicos dos alunos a fim de traçamos seus perfis. O segundo questionário, para comprovação ou não, da existência de preconceito linguístico entre os alunos e se isso afeta a sua autoestima.

Os questionários foram respondidos por 30 discentes do ensino médio numa série de 2º ano. As questões éticas foram observadas no sentido de resguardar a identidade dos participantes, com este fim, foram utilizados códigos para cada um dos participantes. Na sequência, apresentam-se os instrumentos de pesquisa: a aplicação de questionários e oficinas pedagógicas em uma escola estadual, no interior do Rio Grande do Norte

3. O que revela o *corpus*

Nesta seção apresentamos a análise do corpus na perspectiva teórica da Sociolinguística variacionista.

Quanto às respostas do questionário obtivemos os seguintes resultados: “Você conhece alguém que fala diferente de você?”, constatou-se que 100% dos alunos, afirmaram perceber a existência de pessoas que usam variedades linguísticas diferentes da sua. Com base, nestes dados, o professor, a partir desse conhecimento que o aluno possui, poderá realizar um trabalho de intervenção em sala de aula que trate da diversidade linguística como um fenômeno legítimo a todas as línguas naturais.

Analisando as respostas sobre como eles avaliavam essas diferenças, concluímos que 27% dos estudantes usaram o termo ‘engraçado’ ao avaliar a fala daqueles que utilizam variedades diferente da sua. Uma concepção muito aceita no meio social, a mídia utiliza muito essa avaliação quando nos seus programas humorísticos utilizam as variedades linguísticas de menor prestígio de forma ‘engraçada’. Vale lembrar, entretanto, o que defende Possenti (1996, p. 34), se faz necessária “uma análise mais cuidadosa e menos anedótica. Outros 40%, a maior parcela dos que participaram da pesquisa, foram enfáticas na sua avaliação, acreditam que a forma de falar dessas pessoas é ‘errada’. Percebe-se nessa posição dos estudantes preconceito em relação a variedade não padrão, e que o único critério utilizado foi o de correto ou incorreto, prática muito recorrente no ensino da língua nas nossas escolas, que elege a norma

padrão como a única correta. Portanto essa avaliação indica uma conotação depreciativa que também se configura como preconceito linguístico, pois *corresponde ao julgamento depreciativo e desrespeitoso da fala do outro ou da própria fala* (SCHERRE, 2009)

Dentre os participantes, 3% dos estudantes fizeram uma avaliação positiva, usaram o termo mais aceito socialmente. Já a expressão ‘normal’ correspondente a 20%, pode ser compreendido como alguém que não quis se posicionar, não atribuindo nem prestígio nem desprestígio. Quanto ao adjetivo ‘diferente’ indica que esses alunos conseguem perceber que a maneira diferente de falar não se constitui em erro, como afirma Possenti (1996, p. 80), diferenças linguísticas não configuram erros, são apenas construções ou formas que divergem de certo padrão.

Quando interrogados como eles avaliam sua forma de falar, percebe-se nas respostas dos alunos, que fizeram uma avaliação negativa em relação ao seu modo de falar. Pois apenas 10% usaram o termo correta. Assim ao fazer essa avaliação negativa, concluímos que eles fazem uma associação direta ao uso padrão da língua que está associado a um maior prestígio social e que é vista como a correta, mais bonita. Consoante Possenti (1996), a linguagem do aluno, ainda que não esteja na variedade-padrão, é muito complexa e articulada, logo não deve ser avaliada de forma tão negativa.

Ao serem questionados se já tinham sofrido preconceito e o que sentiram, todos afirmaram que já sofreram preconceito e ressaltaram que diante das discriminações, sentiam sensações diversas, como tristeza, vergonha, mágoa e/ou constrangimento. Com isso externaram as implicações emocionais que provêm dessas ações que os excluem do universo que *domina o uso “bom” português*.

Ao relatar suas experiências, percebe-se que a autoestima deles fora afetada, pois passaram a acreditar que a sua forma de falar não é correta e por isso lhe causa constrangimento. Essa crença poderá levar o aluno a silenciar sua fala com receio de ser alvo de repreensão. Diante dessa realidade, muitos passam a desgostar da sua própria cultura. Pois se a minha fala, adquirida no

meu meio social me causa constrangimento, certamente eu sentirei coagido a querer fazer parte de um outro grupo social que seja mais valorizado.

Durante a aplicação das oficinas didáticas, os participantes contribuíram com diversas atividades escritas, neste trabalho apresenta-se a análise dos comentários escritos que eles fizeram após as oficinas. O comentário do primeiro participante (P1) demonstra que ao estudar sobre preconceito linguístico, ficou claro para ele, que não existe um jeito certo ou errado, e ainda compreendeu que é preciso adequar a fala ao contexto, ou seja, a língua varia em função dos usuários e do contexto comunicativo.

No comentário do segundo participante (P2), ele também expõe o que aprendeu sobre o tema preconceito. Conclui afirmando que antes esse tema não havia sido abordado de forma interessante. Percebemos assim que a forma como foi conduzida a temática foi interessante para eles.

O participante 3 comenta a forma como foi conduzido o tema, que segundo ele foi divertido apesar de se tratar de um assunto polêmico. Assim, deixa claro que quando se traz essa temática, o aluno consegue entender porque as pessoas falam diferente e são capazes de aprender a respeitar as variedades linguísticas sem discriminá-las.

Os participantes, 4 e 5 (P3, P4 e P5) seguem a mesma linha de pensamento: aprenderam que não devem julgar às pessoas pela sua forma de falar e que não existe um jeito certo e outro errado, mas que é preciso adequar a fala às diversas situações.

Como resultado dessa avaliação, os alunos, nos seus comentários, sinalizaram não se limitar mais ao conceito do certo e do errado, mas ampliaram suas reflexões ao conceito de adequado e inadequado. Portanto, um estudo reflexivo sobre língua, linguagem, variação linguística e variedades linguísticas podem levar o aluno a ser um falante da língua mais consciente da realidade linguística em que ele está inserido.

Considerações finais

Esta pesquisa atestou que os alunos possuem uma clara percepção de que a língua varia, porém não tem uma reflexão crítica sobre o fenômeno da variação, de forma que discriminam as variedades linguísticas estigmatizadas. Em sua concepção, falar bem é saber usar a variedade linguística de prestígio, já que as demais são “deturpações” da língua usadas por quem não sabe “falar”

Diante dos resultados apresentados no questionário, foi realizada uma proposta uma intervenção que se realizou por meio de oficinas constituídas de atividades de leitura e escrita abordando o fenômeno da variação linguística como algo natural e inerente a toda língua, a fim de que os alunos tivessem consciência crítica em relação ao uso das variedades linguísticas e estivessem preparados para combater práticas preconceituosas e adquirissem mais segurança linguística.

Os resultados das oficinas, apontaram que os estudantes compreenderam o fenômeno da variação linguística e isso gerou mais segurança linguística como usuários de uma variedade interiorana de uma região que comumente sofre preconceito linguístico.

Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007.

CYRANKA, Lúcia. **Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula**. IN: MARTINS, Marco Antonio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (Org.). Ensino de português e Sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2014.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **O preconceito linguístico deveria ser crime**. Galileu. Globo, nov./2009.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.